

A EXPRESSÃO DA FUTURIDADE EM NARRATIVAS INFANTIS

Mônica de Souza Serafim*

1. INTRODUÇÃO

O verbo pode ser caracterizado, segundo Macambira (1987;39) sob três aspectos: o aspecto mórfico, o aspecto sintático e o aspecto semântico.

1. Sob o aspecto mórfico, pertence à classe dos verbos as palavras que admitirem as seguintes flexões:

- a) –r: correspondente ao infinitivo, amar, vender;
- b) –ndo: correspondente ao gerúndio, amando, vendendo;
- c) –rei: correspondente ao futuro do presente, amarei, venderei;
- d) –ria: correspondente ao futuro do pretérito, amaria, venderia.

O verbo é a classe que possui o maior número de formas (só no modo indicativo são trinta) e por conseguinte a mais facilmente identificável.

2. Sob o aspecto sintático, pertence à classe dos verbos as palavras que concordam com os pronomes pessoais.

Ex.: Eu vou, tu vais, ele vai, nós vamos, vós ides, eles vão.

3. Sob o aspecto semântico, faz parte da classe verbal as palavras que exprimem as coisas na perspectiva temporal: ação, estado, fenômeno e tudo o que o verbo possa exprimir:

Ex.: *passado*: amei;
presente: amo;
futuro: amarei.

Varrão definiu o verbo como “a palavra de tempo” e talvez seja por isso que *verbo* em alemão é *Zeitwort* (palavra de tempo), já que *zeit* = tempo e *wort* = palavra.

Segundo a definição tradicional (cf. Cegalla 1980; Cunha 1985 e Rocha Lima 1988): *verbo é a palavra que exprime ação, estado ou fenômeno da natureza*. Esta definição só tem valor se vista na perspectiva do tempo, uma vez que o verbo pode exprimir também qualidade, como no caso do verbo *azular*: “Além, muito além daquela serra que ainda *azula* no horizonte, nasceu Iracema.”¹

Impossível negar que palavras como *inundação* e *tiroteio* expressem ação; que *chuva* e *trovão* não sejam fenômeno da natureza e que *sono* e *morte* não são estado; mas o mais impossível é afirmar que são verbos. Daí, considerarmos, preferivelmente, a *perspectiva do tempo* para caracterizar o verbo.

Macambira (1987:41) (op. cit.) termina este item sobre verbo adotando o termo *processo*- aquilo que se passa (latim- *processus*)- “para designar a noção geral em que se resolvem as diferentes noções expressas pelo verbo”. Verbo seria, então, a palavra que indica *processo*, ou seja, aquilo que se passa no tempo.

O futuro do presente nas Gramáticas Normativas é apresentado de forma bastante confusa. Por um lado, a referida categoria temporal é tratada como de natureza formal,

* Universidade Federal do Ceará

¹ ALENCAR, José de. **Iracema**. São Paulo: Ática, 1986.

marcada por desinências modo-temporais próprias. Todavia, eventualmente, essas gramáticas apresentam o futuro com outros valores, de cunho modal, relacionados a dúvida, a ordem, entre outros.

Por exemplo, segundo Bechara (2001:279), o futuro do presente pode exprimir:

a) Exprime incerteza ou idéia aproximada, uma possibilidade ou asseveração modesta:

Ex.: O mal não *será* a especiaria do bem?

b) Exprime uma certa ordem ou recomendação:

Ex.: *Defenderás* os teus direitos.

Não furtarás.

E para o futuro do pretérito (p.280), encontramos, neste gramático, três valores:

a) Mostra se o fato se dá agora ou no futuro, dependendo de certa condição:

Ex.: “A vida humana *seria* incomportável sem as ilusões ou prestígios que a circundam.”

“Se pudéssemos chegar a um certo grau de sabedoria, *morreríamos* tísicos de amor por Deus.”

b) Asseveração modesta em relação ao passado, admiração pela realização de um fato.

Ex.: Eu *teria* ficado satisfeito com as tuas cartas.

Nós preferíamos saber da verdade.

c) Incerteza

Ex.: *Haveria* na festa umas doze pessoas.

Mira Mateus et alli (1989) questiona se o futuro é uma categoria temporal, pois acredita que um enunciado como “É um fato que choverá *amanhã* em Lisboa” só pode ser assertada na *modalidade do factual* se o seu valor de verdade for determinável em Ie (presente), o que é impossível quando o que está descrito, localiza-se num subintervalo de Ip (futuro).

A autora (op. cit.) ainda mostra quatro valores do futuro do indicativo que expressam estados de coisas futuras:

a) A ocorrência do futuro do indicativo é uma instrução para que se interprete que proposições lógicas como *efeito de uma cadeia de causalidade* de cuja verificação depende a sua ocorrência.

Ex.: Se não chover, *haverá* seca.

b) O uso do futuro ao, mostrar o compromisso assumido pelos indivíduos em realizar um ato futuro, assinala que a oração em que ocorre é o *conteúdo proposicional de um ato ilocutório comissivo*.

Ex.: Faremos todo o possível para esclarecer a situação.

c) Os enunciados têm a forma de interrogativas, mas seu valor pragmático não é o de uma pergunta, mas sim de uma instrução para que o alocutário reconheça que o locutor avalia como *contigente* a ocorrência do estado de coisas descrito pelo seu conteúdo proposicional:

Ex.: Com este trânsito, *chegaremos* na hora ao concerto?

d) O imperativo e presente do subjuntivo são utilizados para expressar estados de coisas futuros em enunciados que realizam atos ilocutórios diretivos (pedido, ordem), na ausência do verbo ilocutório:

Ex.: Ordeno que te cales!

Cala-te!

A autora (op. cit) conclui suas considerações sobre o futuro mostrando que a não factualidade dos estados de coisas futuros determina que o futuro lingüístico tenha valor modal, pois o locutor marca nos enunciados que descrevem tais estados de coisas: “(i) a avaliação que faz da necessidade, impossibilidade, probabilidade, possibilidade ou contingência da sua ocorrência; (ii) a sua natureza de conteúdos preposicionais de dadas subclasses de atos ilocutórios” (Mateus et alii;1989:89)

Pascoalim e Spadoto (1997) afirmam que, além de o fato estar situado no tempo, este também pode indicar certeza, dúvida ou ordem.

Ex.: Fernando não *partirá* amanhã.(fato certo)
 Se Fernando *partisse* amanhã.(fato duvidoso)
 Fernando, não *partas* amanhã.(ordem)

Mais à frente os autores (op. cit.) dizem que as indicações de certeza, dúvida e ordem são determinadas pelos modos verbais: o modo indicativo exprime uma certeza; o modo subjuntivo, um fato duvidoso e o imperativo exprime uma ordem.

Há que se acrescentar que, para tornar a descrição mais confusa, os gramáticos, abordando o presente do indicativo, atribuem a ele valores de futuro.

Savioli (1980) diz que o presente exprime, em princípio, um processo simultâneo ao ato da fala e que este tempo, quando *usado especialmente* (grifo nosso) pode ocorrer com valor de futuro.

Ex.: Amanhã eu *falo* com você.

Para Savioli (1980:288-289) o futuro pode ser expresso através dos tempos canônicos e em usos especiais:

a) Futuro do presente: exprime um processo posterior ao momento em que se fala.

Ex.: O resultado *sairá* amanhã.

Usos especiais:

Pode ocorrer com valor de presente, exprimindo dúvida.

Ex.: O exército *deverá ter* hoje uns vinte mil soldados, não mais.

Pode ocorrer ainda com valor de imperativo.

Ex.: Não *levantarás* falso testemunho.

b) Futuro do pretérito: exprime um processo posterior a um processo passado.

Ex.: Você viajou dia dez. Dois dias depois eu *chegaria* de viagem.

Uso especial:

Pode ocorrer com valor de presente, exprimindo modéstia ou cerimônia.

Ex.: Você, por favor, me serviria um cafezinho? (serviria = serve, pode servir)

Cunha e Cintra (1985:438-439) mostram os valores afetivos do presente designando uma ação futura:

(...)

2. O emprego comedido do presente para designar uma ação futura pode ser um meio expressivo de valioso efeito por emprestar a certeza da atualidade a um fato por ocorrer. É particularmente sensível tal expressividade em afirmações condicionadas do tipo:

Ex.: Se ele partir amanhã, *sigo* com ele;

Se ele *parte* amanhã, *sigo* com ele;

Mais um passo e *és* um homem morto!

3. É uma forma delicada de linguagem, e denota intimidade entre pessoas, um pedido feito no presente do indicativo quando, logicamente, deveria sê-lo no imperativo ou no futuro.

Ex.: Você me *resolve* isto amanhã (= Resolva-me isto amanhã; ou: Você me resolverá isto amanhã)

(...)

Ainda, segundo os mesmos autores (op. cit.), o futuro pode ser expresso de forma simples (Futuro do presente ou Futuro do pretérito simples) e de forma composta (Futuro do presente ou Futuro do presente compostos). Vejamos o emprego de cada uma dessas formas:

1. O Futuro do presente simples emprega-se:

1º) Para indicar fatos certos ou prováveis, posteriores ao momento em que se fala:

Ex.: As aulas *começarão* depois de amanhã.

2º) Para exprimir a incerteza (probabilidade, dúvida, suposição) sobre fatos atuais:

Ex.: Quem está aqui? *Será* um ladrão?

3º) Como forma polida de presente:

Ex.: E que vou eu fazer para Angola, não me *dirá*?

4º) Como expressão de uma súplica, de um desejo, de uma ordem, caso em que o tom de voz pode atenuar ou reforçar o caráter imperativo:

Ex.: *Honrarás* pai e mãe.

5º) Nas afirmações condicionadas, quando se referem a fatos de realização provável:

Ex.: Se pensares bem, *verás* que não é isto.

Segundo Cunha e Cintra (1985), na língua falada o emprego do futuro simples é bastante raro. Na conversação, prefere-se substituí-lo por locuções tipo:

a) *Haver* + preposição *de* + infinitivo do verbo principal (exprime intenção de realizar um ato futuro):

Ex.: Eu sou novo e sei trabalhar... *Hei de* arranjar emprego.

b) Presente do indicativo do verbo *ter* + preposição *de* + infinitivo do verbo principal (indica uma ação futura de caráter obrigatório, independente da vontade do sujeito):

Ex.: *Temos de resolver* isso em primeiro lugar.

c) Presente do Indicativo do verbo *ir* + infinitivo do verbo principal (ação futura imediata):

Ex.: *Vamos entrar* no mar.

Este tipo de emprego (com locuções) é muito utilizado pelas crianças em seus textos, talvez porque ainda sofrem a influência da oralidade na escrita.

O Futuro do presente composto é empregado:

a) Para indicar que uma ação futura estará consumada antes de outra:

Ex.: Os homens serão prisioneiros das estruturas que *terão criado*.

b) Para exprimir a certeza de uma ação futura:

Ex.: Só o Direito perdurará e não *terá sido* vão o esforço da minha vida inteira.

c) Para exprimir a incerteza sobre fatos passados:

Ex.: *Terá passado* o furacão?

Os principais empregos do futuro do pretérito simples refere-se a:

a) designar ações posteriores à época de que se fala:

Ex.: Depois de instalada, a Academia se *transformaria* em sua outra casa.

b) Como forma polida de presente, em geral denotadora de desejo:

Ex.: *Desejaríamos* ouvi-lo sobre o crime.

c) Nas afirmações condicionadas, quando se referem a fatos que não se realizaram e que, provavelmente, não se realizarão:

Ex.: Se não houvesse diferenças, nós *seríamos* uma pessoa só.

Já o futuro do pretérito composto é empregado nas seguintes condições:

a) Para indicar que um fato teria acontecido no passado, mediante certa condição:

Ex.: Teria sido diferente, se eu o amasse?

b) Para exprimir a possibilidade de um fato passado:

Ex.: Calculou que a costureira teria ido por ali.

A escolha deste estudo nos faz refletir sobre as orientações contidas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (doravante PCN), onde se questiona uma “aula de expressão em que os alunos não podem se expressar” (PCN 1999:138). Isto é, não se valoriza o falar de antes da escola, este considerado errado, inculto; mas sim, o falar moldado, enformado em uma série de regras rígidas, deslocadas do uso social. A resolução de tal problema seria “*O diagnóstico sensato daquilo que o aluno sabe e do que não sabe deverá ser o princípio das ações, entretanto as finalidades devem visar a um saber lingüístico amplo, tendo a comunicação como base das ações*” (PCN 1999:138).

Câmara Jr. (1956) acredita que em português (e até mesmo em qualquer língua) não se pode definir rigidamente a categoria de tempo, pois a classificação tradicional em presente, passado e futuro não é satisfatória. Na verdade o que acontece é uma dicotomia existente entre presente e passado, já que o presente abarca espontaneamente o futuro.

O que ocorre é que não há, entre as formas do indicativo, uma para indicar o futuro, mas o próprio presente indica o que está para acontecer:

Ex.: Amanhã eu *apareço* lá.

Afinal de contas, o futuro do presente é uma categoria semântica ou formal? A resposta para esta indagação não parece clara, uma vez que existe uma notória mistura de planos de abordagem, o da expressão e o do conteúdo. Para não incorrerem no mesmo equívoco, visando a uma coerência descritiva indispensável para o ensino, isto aliado naturalmente a um embasamento pedagógico incumbido dos níveis de detalhamento descritivo, optamos por partir do plano do conteúdo.

Acontece que a expressão do futuro é rica em português. Não se manifesta apenas por formas de presente do indicativo ou pela forma canônica do futuro do presente. Também se manifesta por perífrases verbais do tipo *vou fazer, irei fazer, (já) estou fazendo*, esta última forma marcadora do futuro próximo.

Contudo, as formas elencadas acima são abstrações, possibilidade da *langue* enquanto não procedermos a investigação empírica nos dados do discurso. Assim, para evitarmos uma descrição abstrata, base para o ensino, julgamos por bem partir do corpus coletado pela professora Dra. Ana Célia Clementino Moura que é composto por escrita da história *Chapeuzinho Vermelho*.

Gostaríamos de acrescentar ainda que os estudos feitos sobre tempo verbal na narrativa tratam apenas dos tempos básicos da narrativa: o presente (tempo do mundo comentado) e o pretérito perfeito (tempo do mundo narrado).

Creemos que a contribuição científica se revela por si só. Quanto aos aspectos pedagógicos, muitas vezes postos em segundo plano, queremos esclarecer que se resumem no que se segue:

- a) abordagem unificada e coerente do fenômeno futuridade;
- b) identificação das formas produtivas de futuridade a fim de evitarmos listagens puramente abstratas na prática docente; acolhimento do português não-padrão para que se perceba, no diassistema do português que esta norma é digna de descrição e, se não é devidamente estudada, isto se deve a uma “idolatria” de uma língua funcional;
- c) renovação do *corpus*, que deixa de ser literário e caótico, devido a heterogeneidade em favor de um *corpus* ancorado no processo de desenvolvimento da língua escrita por crianças.

2. METODOLOGIA

O *corpus* utilizado para esta pesquisa constitui-se de 181 textos escritos por crianças que cursavam da alfabetização à 2ª série. Estas crianças somavam o total de 48, distribuídas em 2 grupos: um formado por 24 crianças com média de idade de 5,9 anos que, quando participaram, no momento inicial, encontravam-se na alfabetização. (A este grupo denominamos de GA ou Grupo da Alfabetização) e outro, formado por 24 crianças, com idade média de 6,8 anos, que estavam na 1ª série (nomeado Grupo 1 ou Grupo da 1ª série).

Vale ressaltar que das 24 crianças que se encontravam na alfabetização, somente 13 conseguiram escrever o primeiro texto, produzido no 1º semestre de 1997. As outras 11 só conseguiram produzir textos a partir da 2ª coleta, feita no final do mesmo ano.

Essas crianças estudavam em uma escola particular, cuja clientela se constituía de alunos de classe média alta. A escola fornecia grandes oportunidades para o aluno estar sempre em contato com a língua escrita. Nas imediações da escola havia bastante material escrito exposto como letreiros, *out-doors* e propagandas, tal interesse encontra-se justificado na proposta pedagógica da escola que é a de conceber o texto como ponto de partida para todo o processo de alfabetização, oferecendo, assim, grande quantidade de material escrito nas salas de aula, de modo a proporcionar a interação da criança com o código escrito.

Para realizarmos esta pesquisa, de natureza longitudinal, utilizamos os textos de crianças coletados em quatro diferentes momentos: junho e novembro de 1997 e em junho e outubro de 1998, sempre na mesma escola, nas mesmas turmas, assegurando assim que os informantes seriam sempre os mesmos. Os textos das crianças que cursavam a alfabetização e a 1ª série (85 textos) foram produzidos em 1997. Já os textos das crianças que cursavam a 1ª e 2ª séries (96 textos) foram escritos em 1998.

A produção dos 181 textos seguiu as mesmas orientações observadas para a produção dos textos em português, espanhol e italiano. Para escreverem a história da Chapeuzinho Vermelho, as crianças receberam uma folha branca (formato A4) e uma caneta esferográfica preta. Os textos foram escritos em sala de aula, tarefa que durou, em média, uma hora (cf. Pentecorvo e Ferreiro, 1996).

Na quantificação dos dados, utilizamos alguns procedimentos do Sistema Textus. Quando da constituição do *corpus*, os textos foram incluídos no sistema seguindo as

suas normas de transcrição, codificação e categorização morfossintática e estrutural dos textos, o que envolve segmentação do texto em enunciados, codificação das hipo e hipersegmentações, normatização ortográfica, categorização morfológica, categorização dos episódios e categorização dos tipos de discurso (HIDALGO, 1996).

3. A CATEGORIA DE TEMPO

Nosso ponto de partida sobre a categoria de tempo será a teoria de Coseriu cujos fundamentos estão em Coseriu (1980). Aí se estabelecem os princípios do Estruturalismo Europeu, a saber:

- a) A noção de signo, fundada na solidariedade entre plano da expressão e plano do conteúdo;
- b) a noção de signo, fundada na solidariedade entre plano da expressão e plano do conteúdo, a noção de oposição, baseada no princípio da Identidade e Diferença;
- c) a noção de recorrência, fundada na recursividade dos paradigmas lingüísticos;
- d) neutralização, calcada na supressão de traços distintivos em certos contextos.

A partir destes princípios, Coseriu desenvolve uma teoria do tempo verbal que se acha amplamente divulgada por seus discípulos, entre os quais Dietrich (1983), Soares (1987) e Bechara (2001).

A teoria do tempo de Coseriu parte da distinção ortodoxa entre língua e fala, noções correspondentes às de valores primários e valores secundários ou valores de língua e valores do discurso, como mostra o quadro abaixo:

- As categorias verbais podem ser determinadas *lingüisticamente* ou pelo *discurso*:

Categorias determinadas lingüisticamente	Gênero
	Número Aspecto
	Voz
Categorias determinadas pelo discurso	Pessoa
	Modo
	Tempo

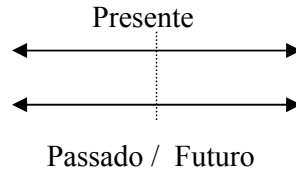
(Adaptado de Bechara, 2001:211)

As dimensões temporais compreendem os *planos* e as *perspectivas*. Os planos subdividem-se em dois: o atual e o inatual. O primeiro toma como eixo o presente, caracterizado pelo momento da fala, tendo à esquerda o pretérito perfeito e à direita o futuro do presente do indicativo. O segundo tem como núcleo o imperfeito, que tem à esquerda o pretérito mais que perfeito e à direita o futuro do pretérito. No português o presente e o imperfeito representam os tempos axiais do verbo.

Coseriu apresenta uma proposta clara e coerente para que possamos interpretar o verbo nas línguas românicas. Entre as diversas subcategorias propostas por Coseriu para realizar essa interpretação, utilizaremos apenas três: a do nível de tempo, da perspectiva primária e da perspectiva secundária.

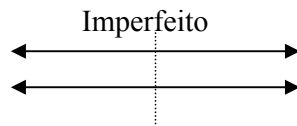
a) Nível de tempo: há no verbo românico um plano que coincide com a linha do tempo mediante o presente (nível atual) e outra que não diz respeito a essa linha do tempo, representando outra ação (nível inatual).

Planos: atual (momento da fala)



(Adaptado de Soares, 1987:53)

inatual (momento do qual se fala)



Mais- que- / Futuro do Perfeito / Pretérito

(Adaptado de Soares, 1987:57)

b) Perspectiva primária: mostra a posição do falante em relação a ação verbal.

	Passado	Presente	Futuro
Atual	fiz	faço	farei
Inatual	fizera	fazia	faria

(Adaptado de Bechara, 2001:214)

- d) **Perspectiva secundária:** cada espaço temporal delimitado pela perspectiva primária pode ser disposto outra vez segundo o mesmo princípio. Expressa por tempos compostos com os auxiliares *ter* ou *haver* + *particípio passado* e *ir* + *infinitivo*.

Presente	Tenho feito	faço	vou fazer
	Tinha feito	fazia	ia fazer
Passado	Tive feito	fiz	fui fazer
	Tivera feito	fizera	fora fazer
Futuro	Terei feito	farei	irei fazer
	Teria feito	faria	iria fazer

(Adaptado de Bechara, 2001:215)

Vejamos algumas situações ilustrativas da primeira perspectiva:

No presente:

- (1) *mas que olhos grandes você tem
e o lobo respondeu
é pra te ver melhor.* (Natália, 7 a., 012046)
- (2) *suas tias disseram
que o lobo mau está na floresta
e **come** criançinha!* (Érika, 7 a., 014004)

No passado

- (3) *Era uma vez uma menina
que o nome dela era Chapeuzinho Vermelho
ela **foi** na casa da vovó...* (Safira, 6 a., 002021)
- (4) *aonde você vai?
na casa da minha avó
pois vá pela estrada
mais a mãe **falou**
que na estrada tinha lobo...* (Safira, 7 a., 013021)

No futuro:

- (5) *e aí ele disse assim
- aquele é o atalho
chegará mais rápido na casa da sua vó.* (Natália, 7 a., 012046)

As frases acima mostram situações localizadas na dimensão temporal da primeira perspectiva, pois situa as ações nos espaços temporais que possuem pontos de referência: presente (1 e 2); passado (3 e 4) e futuro (5). Essas ações que contêm pontos

de referência caracterizam-se como respectiva ou paralela e as outras como prospectivas ou retrospectivas se se situam anteriormente ou posteriormente ao ponto de referência, respectivamente.

É importante tecermos aqui algumas considerações sobre o futuro simples. Os textos que compõem o nosso corpus apresentam ocorrências raras deste tempo verbal. O que confirma o que diz Soares (1987:78): “os falantes utilizam o futuro do presente em frases já consagradas na língua, como em provérbios. O uso dessa forma verbal está cada vez mais se distanciando da língua, principalmente da falada. A formalidade cede lugar à espontaneidade, onde o falante utiliza formas alternativas para se expressar.”

A segunda perspectiva, também já mencionada é expressa, em português, através de tempos compostos e para o futuro a forma *presente + infinitivo* é mais ocorrente, substituindo o tempo futuro canônico, este restrito praticamente à língua escrita formal. Os exemplos abaixo transcritos dos textos das crianças, confirmam este caso:

(6) *hã! Quem é você*

- *sou um lobo*

vamos fazer uma aposta! (Natália, 8 a.,024046)

(7) *No meio do caminho o lobo se escondeu atrás da árvore e disse:*

- **Chapeuzinho! Pode ir pelo caminho da floresta!** (Raquel, 8 a.,024048)

As frases (6 e 7) estão inseridas na segunda perspectiva, cujas ações são prospectivas por se situarem em momentos posteriores ao momento da fala, tendo o presente como ponto de referência. Uma particularidade nessa forma verbal é a possibilidade de aproximar o mais possível uma ação futura em certos contextos (Cf. Soares 1987).

Segundo Arrais (1991), o falante utiliza a perífrase ou locução verbal devido ao seu conhecimento de mundo que lhe permite um certo grau de certeza quanto a realização da ação. Já a forma simples confere um grau de distanciamento na execução da ação, diminuindo o grau de certeza de que a ação será executada.

A primeira perspectiva é a que opõe passado, presente e futuro, e é representada aqui pelas formas verbais simples expressas genericamente por *faço, fiz e farei*.

A segunda perspectiva se manifesta por tempos compostos ou formas perífrásticas com *ter* ou *haver* mais participio e *ir* mais infinitivo. Existe uma perspectiva retrospectiva e uma perspectiva prospectiva, respectivamente.

Bechara (2001:214-215) resume muito bem as perspectivas primária e secundária, representadas, respectivamente, por verbos simples e por verbos simples e por verbos perífrásticos:

a) Perspectiva primária

	Passado		
	Retrospectiva	Presente Paralela	Futuro Prospectiva
Atual	Fiz	Faço	Farei
Inatural	Fizera	Fazia	Faria

(Adaptado de Bechara 2001:214)

b) Perspectiva secundária

Presente:	Tenho feito	faço	vou fazer
	tinha feito	fazia	ia fazer
Passado:	Tive feito	fiz	fui fazer
	tivera feito	fizera	fora fazer
Futuro:	Terei feito	farei	irei fazer
	Teria feito	faria	iria fazer

(Adaptado de Bechara 2001:215)

Cabe aqui apenas, à guisa de informação adicional, uma referência teórica ao futuro, que se encontra em Mateus et al (1983:118-123) e Lyons (1979). Na impossibilidade de descrevermos os pormenores em ambos os autores teceremos apenas alguns detalhes. Ambos os autores problematizam o futuro como categoria estritamente temporal. Como o referido tempo se refere a acontecimentos incertos ou possíveis, tende a uma caracterização de essência mais modal. Por isso, em muitas línguas os auxiliares são de natureza modal, como em inglês e em romeno.

4. O TEMPO VERBAL NA NARRATIVA

Os textos apresentam uma superestrutura que corresponde a uma espécie de modelo ou gênero textual, segundo Marcuschi (2000, p.37 e 38) que afirma o fato de serem os gêneros modos particulares de produção e consumo social de textos, a causa deste tipo de abordagem. Contidos nesses gêneros estão os diversos tipos de texto (narrativo, descritivo, argumentativo, injuntivo, etc. cf. Koch e Fávero 1987), classificados segundo diferentes critérios. Nessas superestruturas, o verbo tem papel preponderante.

A narrativa, por exemplo, estrutura-se numa perspectiva temporal, compondo-se de fatos que ocorrem com personagens em um determinado tempo e lugar. A seqüência de ações forma o principal aspecto da narrativa, isto é, o primeiro plano. Mas há um segundo plano na narrativa, cuja função é caracterizar personagens, lugares e tempos. O primeiro plano ou Grupo I, é formado pelo tempo presente, o passado composto e o futuro. Já o segundo plano ou Grupo II, compreende o passado simples e o condicional.

Segundo Weinrich (1978) esses dois planos são realizados através de tempos verbais, chamados tempos do mundo comentado e tempos do mundo narrado.

O trabalho de Weinrich analisou tempos verbais do francês e apontou aqueles usados nas narrativas e nos comentários. Koch (1987) aplicou a análise a textos do português e comprovou que esta classificação também é válida para os textos de nossa língua. Nessa perspectiva, os tempos verbais não se vinculam ao tempo cronológico, por exemplo, o presente do indicativo, não se refere necessariamente ao momento em que é usado, já que podemos dizer “Chego amanhã” e “Tenho visitado vovó”.

No primeiro caso, o tempo verbal é presente, mas se remete a uma ação futura. No outro exemplo o tempo é pretérito perfeito composto, mas remete a ações que não são apenas do passado, já que ainda continuam a ser realizadas.

Na classificação de Weinrich (op. cit.), o **presente do indicativo** constitui o **tempo zero** (sem perspectiva de tempo, atemporal) do mundo comentado e o **pretérito perfeito**, o **tempo zero** do mundo narrado.

Pertencem ao mundo narrado: “la nouvelle, le roman, em bref, des recits de tous genres” (op. cit. p.39). Já o mundo comentado pertencem “le drame, le dialogue em général, le journal, de critique littéraire et la description scientifique”. (Ibidem, idem)

A seguir procuraremos exemplificar através de nosso *corpus* os tempos do mundo narrado e os tempos do mundo comentado.

a) Tempos do mundo narrado:

1. Pretérito perfeito do indicativo: tempo principal, o primeiro plano da narrativa, numa perspectiva de atos acabados, ações concluídas.

Ex.: *era uma ves a chapeu mermelha*

e a mãe mandou traser doces para vovó e foe cantando

falando com os passarinhos

*até que o lobo mal tava perto da chapeu e **inventou***

que o era um anjo.(Lucas, 7 anos, 002114)

2. Pretérito imperfeito do indicativo: marca o segundo plano da narrativa- pano de fundo- é utilizado numa perspectiva de continuidade processual, assinalando, estado, caracterizações.

Ex.: *e ai o lobo chegou antes de chapeuzinho*

comeu a vovo

e disse

*que **quiria** come ela a chapeuzinho.* (Èrika, 6 anos, 002004)

3. Pretérito mais que perfeito do indicativo: usado para retrospectiva, ou seja, para remeter a ações que ocorreram antes do momento em que os fatos estão sendo relatados.

Em nosso *corpus* não foi registrada nenhuma ocorrência desse tempo verbal.

4. Imperfeito do subjuntivo e Futuro do pretérito do indicativo: usados para marcar prospectivas, para indicar uma possibilidade.

Em nosso *corpus* não foi registrada nenhuma ocorrência.

b) Tempos do mundo comentado:

1. Presente do indicativo: tempo principal do mundo comentado- sem perspectiva temporal, isto é, o presente pode ser utilizado para expressar o presente mas também o futuro.

Ex.: *e ela chegou a Chapeuzinho*

*e **disse***

que nariz tam grande.(Ticiania, 7 anos, 012049)

2. Pretérito perfeito composto: utilizado para se referir uma ação que vem sendo realizada, mas não acabou.

Ex.: *Chapeuzinho vermelho **saio gritando***

e vio um cassado. (Ticiania, 7 anos, 011049)

3. Futuro do presente do indicativo e futuro do subjuntivo: são utilizados para indicar prospecção em relação ao presente.

Ex.: *e aí aparecel o lobo*
e aí ele disse assim
aquele é o atalho
chegará mas rápido na casa da sua vó. (Natália, 7 anos, 012046)

A adoção da teoria de Weinrich para explicarmos o tempo na narrativa, justificase pelo desvinculamento do tempo da linguagem baseado na tripartição presente, passado e futuro com a ordem natural das coisas, em proveito da temporalidade própria do texto, sempre relacionado com o tempo da ação, enquanto conteúdo de comunicação. Nunes (1988) reitera nossa colocação afirmando que o plano da história é analisado sob o ponto de vista do conteúdo e que, sem dúvida, é neste plano que o tempo na obra literária torna-se imaginário.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossas análises, preliminares, revelaram-nos que a forma verbal mais utilizada para expressar o futuro, foram as estruturadas com verbo no presente + infinitivo. Tal resultado nos faz confirmar que a utilização do futuro do presente dá-se freqüentemente em frases já consagradas da língua, como os provérbios ou trechos bíblicos. Ora, como o uso dessa forma verbal quase não aparece na língua falada e como a criança, em seus primeiros passos para o desenvolvimento da língua escrita, acredita que a escrita representa a fala, a maneira que ela usa para expressar essa forma verbal encontra-se justificada.

REFERÊNCIAS

- ARRAIS, Telmo Corrêa. **Tempo e aspecto, tempo e modalidade:** de volta ao futuro. São Paulo: Alfa, v.35, p.11-17.
- BARROS, Luiz Martins M. **Aspecto e tempo na flexão do verbo português.** Niterói: Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras (Dissertação de Mestrado. Mimeo), 1974.
- _____. **Princípios e métodos estruturais aplicados ao sistema verbal do português.** Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ (Tese de Doutorado. Mimeo), 1981.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa.** Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- COSERIU, Eugênio. **Lições de Lingüística Geral.** Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.
- LYONS, John. **Introdução à lingüística teórica.** São Paulo: Nacional, 1979.
- DIETRICH, Wolf. **El aspecto verbal perifrástico en las lenguas románicas.** Madri: Gredos, 1983.
- KOCH, Ingedore G. V. **Argumentação e Linguagem.** São Paulo: Contexto, 1987.
- MACAMBIRA, José Rebouças. **A Estrutura Morfo- Sintática do Português.** São Paulo: Pioneira, 1987.
- MARCUSCHI, Luís Antônio. **Gêneros Textuais: o que são e como se constituem.** UFPE (mimeo). 2000.
- MATEUS, Maria Helena Mira *et al.* **Gramática da língua portuguesa.** Coimbra: Almedina, 1983.
- NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa.** São Paulo: Ática, 1988.

Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio/Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

PASCOALIN, Maria Aparecida e SPADOTO, Neuza Teresinha. **Gramática**. São Paulo: FTD, 1997.

POTTIER, Bernard *et al.* **Estruturas lingüísticas do português**. São Paulo- Rio de Janeiro: DIFEL, 1975.

SAVIOLI, Francisco Platão. **Gramática em 44 lições**. São Paulo: Ática, 1980.

SOARES, Maria Aparecida B. Pereira. **A Semântica da aspecto verbal em russo e em português**. Rio de Janeiro: PROED- UFRJ, 1987.

WEINRICH, Harold. **Estructura y función de los tiempos em el language**. Versión española de Frederico Latorre, Madrid: Gredos, 1988.